

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

José Genilton Costa dos Santos¹
Solange Rodrigues dos Santos Corrêa²

RESUMO:

A pesquisa aborda a influência da Teologia da Libertação na América Latina, destacando seu desenvolvimento histórico desde o Concílio Vaticano II até suas manifestações nas conferências de Petrópolis, Gaia, Medellín e Puebla. Explora-se a interação entre a Teologia da Libertação e o contexto latino-americano, examinando seu papel na formação dessa corrente teológica. Além disso, são comprovadas as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) como expressões práticas da Teologia da Libertação, contribuindo para a promoção da justiça social e inclusão dos marginalizados. A pesquisa também investiga a relação entre a Teologia da Libertação e a Teologia do Povo. A relevância da pesquisa reside na compreensão profunda das conexões entre teologia e ação social na América Latina, fornecendo um panorama abrangente do impacto contínuo da Teologia da Libertação na vida religiosa e social, tanto na região quanto globalmente.

INTRODUÇÃO

A América Latina é uma região onde a interseção entre teologia e ação social desempenha um papel fundamental na vida cotidiana e na configuração das sociedades. No epicentro desse cenário encontra-se a Teologia da Libertação, um movimento teológico que surgiu nas décadas de 1960 e 1970, moldado pelas condições de desigualdade, opressão política e exclusão social que caracterizaram grande parte da região naquela época. Esta pesquisa busca desvendar a trama intrincada do desenvolvimento histórico da Teologia da Libertação na América Latina, desde suas raízes no Concílio Vaticano II até suas manifestações nas influentes conferências de Petrópolis, Gaia, Medellín e Puebla.

Ao longo das décadas, a Teologia da Libertação transcendeu o âmbito teórico e se manifestou em práticas concretas, sendo as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) uma expressão notável desse movimento. Essas comunidades tornaram-se terrenos férteis para a promoção da justiça social e a inclusão dos marginalizados, demonstrando o impacto tangível da Teologia da Libertação na vida das pessoas.

A pesquisa não se limita a analisar o desenvolvimento histórico e as expressões práticas

¹ Mestrando José Genilton Costa dos Santos | Universidade Federal de Sergipe

² Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora Titular do DCAC - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: srscorreia@uesc.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6849-8242>

da Teologia da Libertação, mas também explora sua interação íntima com o contexto latino-americano. Isso inclui uma investigação aprofundada da relação entre a Teologia da Libertação e a Teologia do Povo, bem como seus diálogos com o Protestantismo na região. A compreensão dessas relações é essencial para um retrato abrangente do panorama teológico e social da América Latina.

A relevância desta pesquisa é evidente na medida em que lança luz sobre as conexões cruciais entre teologia e ação social, contribuindo para uma compreensão mais profunda das forças que moldaram e continuaram a influenciar a visão religiosa e social na América Latina. Este estudo oferece não apenas um olhar retrospectivo sobre o passado, mas também destaca a importância contínua da Teologia da Libertação, reforçando sua relevância para o pensamento teológico e a prática eclesial, não apenas na região, mas também em um contexto global.

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: breve histórico geral

A Teologia da Libertação nasceu na América Latina, (BOFF, L BOFF, 1986, 110) continente marcado pela colonização ibérica (Espanha e Portugal), no século XVI (RIBEIRO, 1983 p. 25). Os povos indígenas e africanos sofreram com a dominação europeia, foram submetidos ao trabalho forçado nas minas e nos canaviais, suas culturas foram destruídas. As riquezas minerais das Américas enviadas pelos homens brancos para as metrópoles europeias. (GALEANO, 1989, p. 49). No século XIX a América Latina torna-se independente das duas metrópoles, sendo o Brasil o último país latino-americano a abolir a escravidão, no final do século (BERGMANN, 1977, p. 120).

No início do século XX, a estrutura política desses países que se tornaram independente viviam uma oligarquia agrária e continuavam explorando a classe trabalhadora agrária. Com o processo de industrialização e urbanização as grandes empresas estrangeiras se instalaram em vários países, matéria prima abundante, mão de obra barata, diante do nível de exploração e marginalização, crescia a consciência dos trabalhadores à opressão a que eram submetidos. Neste contexto surge mobilizações de grupos sociais, como os universitários e intelectuais, que se juntavam as lutas do povo (BOFF, 1984, p. 22).

Para os líderes cristãos, libertação pressupunha uma mudança de paradigma no modo de ver e de atuar na sociedade e na Igreja de então. A originalidade da Teologia da Libertação se deu na prática dos cristãos comprometidos com a mudança da sociedade e buscando a justiça social, emprego, salário digno, moradia etc. Os pobres foram se conscientizando que eles mesmos eram os principais responsáveis pela sua própria libertação, começaram a se

organizar nas Comunidades de Base, associação de bairros, sindicatos entre outros.

A participação em eventos a nível local, regional, nacional e internacional com assessoria de sociólogos, antropólogos, teólogos e educadores levaram os participantes a tomarem consciência da opressão em que viviam. Todos comprometidos com a causa dos pobres em busca de seus direitos inalienáveis:

O processo de libertação requer a participação ativa dos oprimidos. Este é, sem dúvida, um dos mais importantes temas nos textos da Igreja latino-americana (...) chega-se a compreender que cabe aos pobres o papel de protagonistas de sua própria libertação. GUTIÉRREZ, 2000, p. 175)

A Teologia da Libertação destaca o protagonismo dos pobres em sua própria libertação, inspirando-se no Mito da Caverna de Platão (SÓCRATES, 2000, p.227). Busca-se superar a ignorância imposta pela tradição, tornando-se sujeito da história. A prática da Teologia da Libertação ocorre na militância junto ao povo, enfrentando desafios e participando das lutas cotidianas adversidades (BOFF; BETO, 1994, p. 27). . A libertação é vista como um processo pessoal, coletivo e social, conectando a relação do homem com Deus às realidades sociais, econômicas e políticas (MÜLLER, 2014, p.93). O teólogo não deve apenas produzir teologia intelectual, mas engajar-se nas bases, compartilhando a vida do povo e mantendo a fé e a esperança diante das

A teologia da libertação nasceu a partir da realidade do povo e da militância do Teólogo, dos agentes de pastorais e movimento na caminhada do povo, numa favela, num movimento popular, numa pastoral social, numa associação de moradores. Os pobres se reconhecem sujeito de transformação da sua própria história e encorajados pela fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo, confiando que a fraternidade tão sonhada e almejada por todos haveria de ser conquistada. (GUTIÉRREZ, 1981, p. 58).

Numa atmosfera divina, o ser humano mergulha e se conecta sem reserva com o transcendente, redescobre Deus como iluminação e força para suportar os momentos difíceis e se erguer dos tombos e das derrotas da vida. Ver Deus misturado na matéria, na psique, nas lutas, nos rostos dos que sofrem. O ser humano que se une e se mistura com Deus em evolução (Chardin, 1957, p. 29,). A conscientização é um movimento transcendente em que a pessoa descobre sua própria vocação espiritual que se renova com esse contato com a fé (FURTER 1975, p. 245).

As Conferências latino-americanas que inspiraram a Teologia da Libertação: Medellín e Puebla

Pouco mais de dois meses após o encontro dos jesuítas na Gávea/RJ-Brasil, em 1968, ocorreu a II Conferência Geral de Medellín, de 26 de agosto a 4 de setembro, com o tema "A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio" (DUSSEL, 1982, p. 70). Paralelamente, o Congresso Eucarístico Internacional aconteceu de 20 a 24 de agosto, com o tema "Vínculo de Amor". Em um marco histórico, o Papa Paulo VI visitou a América pela primeira vez para participar desses eventos em Bogotá, Colômbia, em 22 de agosto. O Geral dos Jesuítas, Pedro Arrupe, também compareceu ao convite do Papa, representando uma Ordem de grande influência na América Latina. Esse acontecimento relevante ocorreu em meio a um período de militarismo e repressão militar na região. (ARNS, 2014, p. 51) e se estendeu depois por todo continente (DESSEL, 1982, p. 287).

O Concílio Vaticano II, a homilia do papa Paulo VI em Bogotá, em 1968, foram grandes motivações e iluminações para o bom êxito da II Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe. No dia 26 de agosto reuniu-se em Medellín 146 prelados, entre cardeais, arcebispos, bispos, leigos e uma plêiade de numerosos assessores de diferentes áreas. (DUSSEL, 1981, p.70). Foi um encontro bem preparado e pensado: superestrutura, tema, expositores, regulamento interno etc., tudo de acordo com os protocolos do Vaticano (DUSSEL, 1981, p. 68). A preparação foi intensa com vários encontros promovidos pelo episcopado latino-americano.

O lema central da II Conferência Latino-Americana em Medellín foi "A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio". Neste encontro, as vozes dos cristãos comprometidas com a transformação social foram proeminentes, aplicando não apenas a doutrina do Concílio Vaticano II à realidade latino-americana, mas também enriquecendo-a com os desafios enfrentados pelos pobres na região. A Teologia da Libertação, já em gestação ((BOFF, 1984, p.32), tornou-se proeminente nesse contexto, como expresso no documento de Medellín que enfatiza a necessidade de justiça, solidariedade e compromisso diante da pobreza.

Após Medellín, a Teologia da Libertação expandiu-se por todo o continente latino-americano, mas sua formulação teórica inaugural ocorreu em 1971 com o livro de Gustavo Gutiérrez, "Teologia da Libertação. Perspectivas". Surgiram como Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e Círculos Bíblicos, sendo o Brasil palco dos primeiros Intereclesiais de CEB's em 1975. No entanto, o período pós-1968 testemunhou a instalação de governos militares repressivos em muitos países latino-americanos, resultando em expulsões, torturas e assassinatos de leigos, religiosos e até mesmo sacerdotes (BOFF, 1984, p. 34).. A Teologia da Libertação, apesar das adversidades, solidificou-se por meio de congressos internacionais,

alcançando outros continentes e conquistando adeptos e defensores.

Na África, a Teologia é recepcionada nas culturas autóctones que sempre foram mantidas sob as culturas dominantes dos antigos colonizadores. Na África do Sul encontra-se correntes irmãs da Teologia da Libertação, como “ a teologia negra da libertação”, na África do Sul, a qual enfatiza o aspecto racial-político da situação reinante; a “teologia africana”, especialmente no Zaire, a qual sublinha o lado de autonomia pastoral, teologia e cultural da Igreja da Igreja na África (BOFF, C., 1978, p.188). Na Ásia, a Teologia da Libertação foi apresentada no cenário importante e desafiador da discussão as grandes religiões. Inspirada na Teologia da Libertação latino-americana, já se iniciou na Índia uma reflexão teológica em termos de libertação, se bem que ainda bastante marcada por seu modelo inspirador, afirma Bof. (BOFF, 1978, p. 188). Grande desafio de como essas religiões irão relê-las, de tal forma que, respeitando a sua natureza religiosa, se torne instrumento de libertação dos pobres e das culturas do silêncio (Boff,1978, p.41). A África e a Ásia também lutaram incansavelmente pela libertação de suas culturas (DUSSEL, 1982, p. 254).

Nos Estados Unidos, a Teologia da Libertação é irmã gêmea da Teologia Negra que se estabelece num diálogo frutuoso. Já foi promovido um encontro de norte e sul americanos, interessados no tema da libertação: teólogos, cientistas sociais, ativistas. Esse encontro se realizou em Detroit de 17 a 24 de agosto de 1975 (BOFF, OSM, 1978, p. 188). Nos Estados Unidos a Teologia Negra tem se comprometido com as lutas pelos direitos civis dos negros e pela igualdade de todos sem aja discriminação (BOFF, L.BOFF, 1986, p. 114).

Passados onze anos da realização da II Conferência de Medellín e já existindo uma ampla vivência da Teologia da Libertação em todo continente latino americano, o CELAM realizou nos dias 27 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979, a III Conferência Geral do Episcopado latino-americano em Puebla, no México. O novo pontífice, o polonês, João Paulo II fez a abertura (DUSSEL, 1983, p. 582).

A III Conferência Latino-Americana teve início em 29/01/1979, com um notável discurso do cardeal Aloísio Lorscheider, destacando a vitalidade renovada das comunidades religiosas na América Latina. O evento testemunhou debates entre a ala conservadora e progressista, com a maioria dos bispos seguindo os caminhos abertos pela II Conferência de Medellín. Participaram líderes como Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom Hélder Câmara e Pedro Arrupe, o Geral dos Jesuítas. A Igreja expressou determinação em apoiar os pobres, conforme afirmado por Geral dos Jesuítas, Pedro Arrupe, em entrevista calorosa e clara (DESSEL, 1983, p. 587).

Ele não se referiu aos mártires jesuítas em San Salvador, como padre Rutílio Grande,

e no Brasil. (DUSSEL, 1983, p. 604), mas quis dizer que em qualquer parte do mundo é um perigo defender a justiça. Mas que os jesuítas estariam sempre prontos para estarem nas missões mais difíceis, exigentes e urgentes do homem e a mensagem cristã, aí estiverem, estarão os jesuítas. A realidade dos jesuítas em El Salvador era preocupante. Em 21 de junho de 1977, os jesuítas recebem um ultimatum para deixar o país, dando-lhe um prazo de trinta dias, caso desobedecessem a ordem seriam mortos e o geral dos jesuítas acompanhou de perto o drama dos seus co-irmãos. Diante das ameaças sofridas pelos jesuítas Dom Oscar Romero não participa das solenidades de posse do novo presidente, como protesto contra a violação dos direitos humanos (DUSSEL, 1983, p. 390).

Em Puebla, os bispos convocaram expoentes proeminentes da Teologia da Libertação, como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, José Comblin, Clodovis Boff, Segundo Galileu, Frei Beto e Libânio, entre outros, evidenciando a eficácia da assessoria na conferência. Os participantes, atentos à realidade continental, criticaram o domínio das nações ricas, o poder das empresas multinacionais e a situação precária de exilados, refugiados e desterrados. Em meio às ameaças e perseguições enfrentadas pelos bispos que praticavam o Evangelho de Jesus, especialmente após Medellín, a delicada situação de prelados como Santiago Benítez, Cândido Padin, Hélder Câmara, Fernando Ariztia, Ovídio Pérez, Gerardo Flores, Paulo Evaristo Arns, Moacyr Grechi, Jorge Manrique, Manuel Talamás, Adriano Hipólito, Luciano Metzinger, Leônidas Proaño, Carlos Palmés, Luis Patiño e muitos outros reunidos manifestaram solidariedade aos perseguidos por sua busca pela justiça (DUSSEL, 1983, p. 613)..

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (1979), no México, parte de uma constatação que vai guiar toda sua reflexão como tema central da Teologia da Libertação: a opção preferencial pelos pobres, “como solidariedade com o pobre e como rejeição da situação em que vive” (n. 1156). A libertação pertence “a íntima natureza da evangelização” (n. 480); é parte integrante, indispensável e essencial da própria missão da (cf. n. 355, 476, 480, 1254, 1283, 1302). É uma libertação “que se vai realizando na história” (n. 483), mas também se abre integralmente para uma dimensão transcendente (n. 475) (BOFF, 1984, p. 42).

Alguns deles morreram assassinados, como Henrique Angelelli, na Argentina; monsenhor Romero, El Salvador; monsenhor Joaquín Ramos, assassinado em 1993, em El Salvador; Juan Gerardi, na Guatemala. Outros foram encarcerados. O acontecimento simbólico mais clamoroso foi a prisão de 17 bispos em Riobamba, Equador, em 1976 (SOBRINHO, 2008, p. 142). Seus assessores estavam atentos à realidade do mundo,

principalmente na América Latina, onde nasceu a Teologia da Libertação e os teólogos eram conhecidos como cabeças pensantes.

A Teologia da Libertação chamou atenção dos socialistas. Membros da Academia de Ciências de Moscou estudaram com afinco o fenômeno da nova Teologia da Libertação, na América Latina. O líder cubano Fidel Castro se interessou sobre as obras dos principais autores dessa Teologia, pois o significado político e ético que o persuadia mais do que os discursos marxista. E finalmente, os cristãos apelam para o compromisso social e encontram ressonância nas massas populares imbuída de fé destituídas de ideologias reacionárias, mas opor uma esperança de libertação total do ser humano.

1.4. Uma prática eclesial libertadora: Comunidades Eclesiais de Base - CEB's

As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, surgem como operacionalização da Teologia da Libertação. Mesmo as Ceb's tendo surgido antes mesmo do Concílio Vaticano II, nos anos 50 (BOFF, 1978, p. 74; L. Boff, 2008, p. 25-26). Ela toma fôlego com Medellín e Puebla e se expandiu por todo continente. Essas milhares de Comunidades Eclesiais de Base - CEB's relacionam Evangelho e Vida, num processo lento e difícil. A Palavra motivava a se interessar pelos problemas da vida cotidiana como água, luz, esgotos, ruas, posto médico, escolas. Aos poucos foi-se evoluindo e se abriu para as questões sociais: participação nos sindicatos, nos movimentos populares diversos, partido, entre outros.

Para as Comunidades de Base, a fé desempenha um papel central na abordagem das questões sociais, sendo vista como uma força motriz para a transformação. Essas comunidades, desde que sejam estruturas de articulação eclesial, não são móveis, mas sim um ambiente onde a fé é viva de maneira comunitária, dando origem a diversos ministérios leigos. Esses ministérios abrangem atividades como visitar e consolar pacientes, alfabetizar, conscientizar sobre direitos humanos e leis trabalhistas, preparar crianças para os sacramentos e lidar com questões familiares. Todos esses papéis são valorizados, incentivados e coordenados para promover o bem comum, refletindo uma Igreja viva que se renova a partir de suas bases (CARIAS, 2016, p. 86).

As Comunidades Eclesiais de Base foram cruciais na formação de diversas lideranças notáveis, como Irmã Dorothy, que se dedicou às CEBs no Maranhão desde sua chegada aos Estados Unidos em 1966. Chico Mendes, líder popular, já militava nas CEBs em 1975, fundando o primeiro sindicato de trabalhadores rurais no Acre. José Rainha Júnior, iniciou sua participação nas CEBs em Linhares-ES em 1978, influenciado por Frei Betto. Marina da

Silva descobriu sua vocação para causas sociais através das CEBs, fazendo um curso de liderança sindical rural ministrado por Frei Clodovis Boff e Chico Mendes. Muitos outros aprenderam a liderar nas CEBs, tornando-se figuras destacadas na sociedade e contribuindo significativamente para a Igreja. Em 1982, a CNBB publicou o documento 25, "Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil", confirmando sua importância.

As Comunidades Eclesiais de Base - CEB's são atuantes socialmente, quando necessário faz-se abaixo-assinados, trabalhos em mutirões, roças comunitárias. Muitas vezes nascem de dentro das CEB's movimentos populares autônomo, sindicatos de agricultores, associações e outros. Todos lutam em função do bem comum.

1.5. Teologia do Povo

Após o Concílio Vaticano II, em 1966, a Conferência Episcopal da Argentina formou a Comissão Episcopal de Pastoral (COPEL) para desenvolver um plano nacional de pastoral alinhado ao espírito conciliar. Essa comissão, composta por bispos, teólogos e especialistas, foi o contexto de origem da Teologia do Povo, evidenciada na Declaração do Episcopado Argentino em 1969 (SCANONNE, 2019, 24). Enquanto o documento buscava justiça social, criticava a opressão e defendia os direitos dos trabalhadores, repudiava o marxismo, considerando-o incompatível com o Cristianismo e o espírito do povo. Essa abordagem, diferenciada da Teologia da Libertação, vinculou-se a um movimento nacional e popular na Argentina, influenciado pelo Concílio Vaticano II e pela Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (GS) n. 53 que diz:

É próprio da pessoa humana não atingir a humanidade verdadeira e plena senão pela cultura, isto é, cultivando os bens e os valores da natureza. Em todo o lugar, portanto, quando se trata da vida humana, a natureza e a cultura se entrelaçam de um modo muito íntimo.

O capítulo II da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, inicia com o número 53 demonstrando a interrelação que existe entre a natureza humana e a cultura. A forma de pensar, de agir, experiências espirituais, devoções populares, são transmitidas de geração em geração. A partir de Medellín, aprofundou-se a pastoral popular, começa-se o resgate da religiosidade popular, colocando numa íntima relação com o problema da Teologia da Libertação. Em 2000, quando Gustavo Gutiérrez reeditou o seu livro, *Teologia da Libertação*, ele demonstra que não se pode pensar a Teologia da Libertação apenas do ponto de vista racional, ignorando as comunidades que fazem suas experiências profundas com o divino:

Não se pode esquecer que o assunto não se limita ao nível intelectual. Por trás

dessas reflexões há comunidades cristãs, grupos religiosos, povos cada vez mais consciente de que a opressão e a desconsideração em que vivem não são compatíveis com sua fé em Jesus Cristo (ou genericamente, com sua fé religiosa). São essas correntes vitais e concretas que dão caráter próprio a esta teologia, tornando impossível separar, nela, vida e fé. Daí seu vigor profético e suas possibilidades. (GUTIÉRREZ, 2000, p. 14).

Essa reflexão sublinha a força das Comunidades Religiosas, cuja vitalidade se enraíza na experiência de fé vinculada à sua cultura, manifestada em romarias, devoções e ritos. A Teologia do Povo, inspirada pela III Conferência Latino-americana em Puebla (1979), reconhece a riqueza da cultura latino-americana na sua diversidade, fundamentada na mestiçagem cultural. O Documento de Aparecida destaca que a América Latina tem origens no encontro de diferentes culturas, marcadas pela mestiçagem racial e cultural, tendo influência ao religioso. A Teologia da Libertação ressalta que os latino-americanos são naturalmente religiosos e políticos.

A Teologia da Libertação na Argentina adota o método ver, julgar e agir, incorporando uma mediação interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais. Evoluindo com a sociedade e a cultura, a Teologia do Povo reflete uma abordagem crítica da realidade, distinta da metafísica, conhecida como filosofia das práxis ou hermenêutica. Na Argentina, é chamada de Teologia do Povo (CUDA, 2021, p. 78). Em contraposição ao individualismo e fragmentação social provocados pelo neoliberalismo, surgem movimentos pacifistas, ecológicos, feministas e outros. Essa abordagem valoriza a participação coletiva dos pobres, trabalhadores e marginalizados nas decisões políticas, econômicas, sociais e religiosas, destacando-se pela ênfase no aspecto cultural-religioso sobre o socioestrutural. Originada da alma e cultura do povo latino-americano, a Teologia do Povo privilegia a práxis cultural-religiosa, valorizando ciências humanas e filosofia com uma perspectiva histórico-hermenêutica. Enquanto Gutiérrez reflete a teologia a partir das práxis, Scanonne aborda com uma nova hermenêutica. A influência dessa abordagem ficou evidente na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida (2006), conforme destaque no Documento final:

Entre as expressões dessa espiritualidade contam-se: as festas patronais, as novenas, os rosários e via sacras, as procissões, as danças e os cânticos do folclore religioso, o carinho aos santos e aos anjos, as promessas, as orações, as orações em família. Destacamos as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus a caminho. Aí o cristão celebra a alegria de se sentir imerso em meio a tantos irmãos, caminhando juntos para Deus que os espera. (Documento de Aparecida, nº. 259).

A América Latina é um continente que vive a diversidade na unidade, a diversidade

de povos, crenças e cultura. A vocação do continente-latino constitui-se em cadinho de raças, culturas e valores humanos inestimáveis, os povos aborígenes com seu rico e imensurável caudal de civilização e arte, os africanos que para cá foram deportados com seus costumes e ritos, as culturas cristãs espanholas e portuguesas ao longo dos séculos são enriquecedores dos quais surge a América mestiça e sobretudo com seu sentimento religioso e suas manifestações culturais e artísticas, sua grandeza espiritual que esta na alma dos povos.(DUSSEL,1983, p. 651 a 652). A Teologia do Povo reflete como dom de Deus e que a conscientização parte desse tesouro que está inerente na existência dos latinos americanos e argentinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta jornada de estudo sobre a Teologia da Libertação e seu contexto histórico, exploramos suas raízes no Concílio Vaticano II e nas conferências latino-americanas de Medellín e Puebla. Analisamos a prática das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e a Teologia do Povo, confirmando sua influência na conscientização sobre justiça social. Enfrentamos desafios e controvérsias, compreendendo as complexidades dessa corrente teológica. O papel transformador da Teologia da Libertação, alinhado com valores cristãos, trouxe mudanças nas dinâmicas eclesiais e políticas. A pesquisa destacou a importância das conferências de Petrópolis e Gaia, assim como de Medellín e Puebla, na evolução dessa teologia. Examinamos as CEB's como prática libertadora e a conexão entre a Teologia do Povo e a Teologia da Libertação. Ao explorar a relação entre Teologia da Libertação e Protestantismo, identificamos convergências e divergências. Em resumo, a Teologia da Libertação é uma corrente profundamente enraizada na América Latina, marcada por influências diversas e desafios. Sua relevância transcende fronteiras eclesiais, mantendo-se como voz transformadora na busca por justiça social e dignidade humana.

Concluimos que a Teologia da Libertação não é apenas um movimento teológico, mas uma expressão do compromisso cristão com justiça e solidariedade. Continua a influência pensamento e ação, permanecendo relevante nas discussões contemporâneas sobre questões sociais urgentes. Esta pesquisa é um convite para explorar questões cruciais e continuar o diálogo interdisciplinar sobre como a fé pode ser uma força transformadora para um mundo mais justo e igualitário.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **Por Uma Teologia da Libertação**. São Paulo/SP: Fonte Editorial, 2012.
ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo/SP, Paulus, 1999.
BARROS, Marcelo. **Teologia da Libertação para os nossos dias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BERGMANN, Michel. **Nasce um povo**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

BOFF, Clodovis et al. **As Comunidades de Base em Questão**. São Paulo/SP: Ed Paulinas, 1997.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como Fazer Teologia da Libertação**, 2ª. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo, BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**, 4ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Rocco, 1994.

BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**, 7ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. **O Caminhar da Igreja com os oprimidos**, 2ª ed. Petrópolis/ RJ: 1998.

BOFF, Leonardo. **Do Lugar do Pobre**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. **Igreja Carisma e Poder: Ensaios de Eclesiologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1981.

BOFF, Clodovis. **Comunidade eclesial, comunidade política, ensaios de eclesiologia política**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1978.

BORGHESI, Massimo. Jorge Mario Bergoglio: **Uma biografia intelectual**. Petrópolis/RJ. Vozes: 2018.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das Catacumbas: Por uma Igreja servidora e pobre**. São Paulo/SP: Paulinas, 2015

COMLIN, José. **Vocação para a liberdade**, 4ª ed. São Paulo/SP: Paulus, 1998.

COSTA, Iraneidson Santos. **Volta ao Brasil em 30 dias e outras histórias JESUÍTAS, Justiça social, cultura e religiosidade popular na América Latina (1968-1974)** Salvador/BA: EDUFBA, 2021.

CHARDIN, Pierr Teilhard. **O meio divino**, São Paulo/SP: Cultrix, 1957.

CANTALAMESSA, Raniero. **O Canto do Espírito, meditações sobre o veni creator**, 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COELHO, Allan da Silva. **Pensamento crítico e profecia: 100 anos do “Capitalismo como Religião” de Walter Benjamin/Allan da Silva Coelho, Jung Mo Sung (orgs.)** São Paulo/SP: Recriar, 2021.

DUSSEL, Enrique. **De Medellín a Puebla, uma década de sangue e esperança. de Medellín a Sucre**, 1968-1972. São Paulo/SP: Loyola, 1981.

DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação, um panorama de seu desenvolvimento**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Exortação Apostólica, **EVANGELI GAUDIUM, A Alegria do Evangelho, do Papa Francisco**, 1ª ed; 1ª. Reimpressão. São Paulo/SP: Paulinas, 2013/2014.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido***. 4^o. ed. Rio de Janeiro/ RJ: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**, 9^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.

FURTER, Pierre. **Juventude e tempo presente, fundamentos de uma pedagogia**, 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

GALEANO, Eduardo. ***As veias abertas da América Latina***, 29^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1989.

GUTIÉRREZ, Gustavo. ***Teologia da Libertação, perspectivas***, 9^a ed. São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2000.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço, itinerário espiritual de um povo**, 4^a ed; Petrópolis, RJ, Vozes. 1987.

GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. ***Ao lado dos pobres***, 1^a ed. São Paulo/SP: Ed. Paulinas, 2014.

HOORNAERT, Eduardo. **Helder Câmara, quando a vida se faz Dom**, 1^a ed. São Paulo/SP: Paulus, 2021.

KLOPPENBURG, Boaventura, VIER, Frederico. **Compêndio do vaticano II: constituições decretos declarações**, 31^a ed Petrópolis/RJ: Ed Vozes, 2015.

LÖWY, Michael, ***O que é cristianismo da libertação? Religião e política na América Latina***, 2^a ed São Paulo/SP: Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo/SP, Loyola, 2005.

MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras, um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia**, 11^a ed; Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. 1^a ed. 1983; 8^a reimpressão, São Paulo/SP: Paulus, 2012.

Os Pensadores, a República de Platão. Nova Cultura, São Paulo/SP, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo/SP: Cia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O dilema da América Latina, estrutura de poder e forças insurgentes**. 3^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SCANNONE, Juan Carlos. **A teologia do povo. Raízes teológicas do PAPA FRANCISCO**, 1^a ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2019.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **Os encontros intereclesiais de Ceb's no Brasil**, São Paulo/SP: Paulinas, 1996.

Wright, James. **Brasil nunca mais**. 41. ed. Reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.